

RADAR

Revolução Russa: identidade do século XX

A Revolução Russa de 1917 foi a maior tragédia enfrentada pela humanidade. Essa foi uma das frases iniciais do professor Luiz Dario Teixeira Ribeiro, do curso de História da UFRGS. Após deixar boa parte dos cerca de 100 espectadores da palestra estupefatos, Luiz Dario sorriu, dizendo que esse tipo de análise sobre o movimento empreendido pelos 'bolcheviques' na antiga Rússia é feita pelos "conservadores e de direita". A visão do historiador, que participou da edição de outubro do *Cultura na SEDUFSM*, no dia 8, é de que "a Revolução Russa teve um papel fundamental para a identidade do século XX".

O levante que levou os socialistas ao poder, em outubro de 1917, é responsável, conforme o professor da UFRGS, pela democratização da política e do poder em todo o planeta. Do ponto de vista econômico, segundo ele, teve como efeito a transformação da Rússia de um país semi-feudal numa das potências econômicas mundiais, que se desenvolveu rapidamente nos



Uma centena de pessoas acompanhou discussão sobre a Revolução Russa

anos 20 e 30, sendo pouco afetada pela "crise de 1929", que teve repercussões mundiais. Foi a rivalidade entre Estados Unidos e a já URSS, segundo Luiz Dario, que obrigou o governo norte-americano a

instituir a política do "New Deal", caracterizada pela atuação do Estado, que investiu maciçamente e garantiu direitos sociais para que o campo capitalista não se deteriorasse com a crise, o que poderia abrir espaço para

a insurgência da esquerda na América.

No período pós-guerra (depois de 1945), a influência da Revolução Russa continuou de tal forma que em várias partes do globo eclodiram os movimentos de libertação nacional, em especial, em países da Ásia e da África, analisou Luiz Dario. A herança em termos de organização e democracia levou a que o mundo se dividisse, no final da Segunda Guerra, em campos capitalista e socialista. Também pode ser colocada na cota de efeitos do regime socialista soviético a implementação, mesmo no mundo liberal, de direitos como o do voto universal (cada pessoa, um voto), o da seguridade social (previdência, assistência, saúde) como dever do estado, o que inclui também a Educação. "Enquanto a Revolução Francesa mostrou limites claros, pois apenas os que possuíam renda eram considerados possuidores da cidadania, no Socialismo os direitos passaram a ser universalizados e, especialmente, os dos trabalhadores", afirma o historiador.

A derrota histórica

No entendimento de Luiz Dario Teixeira Ribeiro, o Socialismo com base na Revolução Russa sofreu uma "derrota histórica" em 1991, com o fim da União Soviética. Histórica, segundo ele, porque é transitória, não necessariamente definitiva. Para o educador, é digno de elogio o fato de que aquele país resistiu bravamente durante mais de 70 anos ao cerco promovido pela "aliança dos países capitalistas". Os pontos positivos da Revolução Russa também foram abordados pelo professor Sérgio Prieb, diretor da SEDUFSM e do curso de Economia da UFSM, que participou como debatedor da mesa promovida pelo *Cultura na SEDUFSM*. Ele citou alguns números, entre os quais, que em 1959 a então URSS possuía 98,5% da sua população alfabetizada. Na década de 1930, no chamado período da Grande Depressão, enquanto a União Soviética, isolada do mundo capitalista, obtinha crescimento expressivo, os Estados Unidos, por exemplo, tinham uma queda na produção industrial de 49%.

A professora de História da UFSM, Gláucia Konrad, outro debatedora do evento, destacou alguns dos reflexos da Revolução Russa no Rio Grande do Sul, inclusive em Santa Maria. Citando um livro do escritor Moniz Bandeira (entre outros autores), "O ano vermelho", Gláucia enumerou trechos publicados de matérias jornalísticas publicadas pela imprensa brasileira que, na verdade, funcionavam mais como "desinformação" do que como uma informação real do que se passava no país socialista.

Diorge Konrad, professor de História da UFSM, presidente do sindicato docente e coordenador da mesa de debates, deu a sua colaboração na abordagem. Referindo-se a uma pergunta feita na platéia sobre possíveis causas do "fracasso histórico" do socialismo na antiga URSS, ele enumerou alguns dos pontos que considera relevantes, frisando que não são os únicos. Dentre algumas das causas apontadas: a) massacre de operários na guerra civil, que foram substituídos por uma burocracia oriunda do período czarista; b) a consolidação de um partido único; c) a falta de preparo dos camponeses para assumirem a socialização que foi realizada a partir de 1929; d) a concentração de poder nas mãos do Estado.

Retomando sua fala, Luiz Dario Ribeiro analisou que, em termos de Rússia, mesmo que não em termos ideais, se percebe uma atuação de Vladimir Putin, governante russo, no sentido de evitar o domínio absoluto dos Estados Unidos. Para o historiador, já se pode afirmar que aos poucos a Guerra Fria retorna, pois os Estados Unidos se considera a única potência do planeta. Sobre a América Latina, Luiz Dario acha importante as experiências de "esquerda" no continente, independente dos matizes de cada uma. Entretanto, analisa que "não vivemos mais uma época de subjetividade revolucionária". Para o historiador, formado na UFSM no início dos anos 1970, estamos numa fase de "conformismo".

Democratização da mídia brasileira

O dia 5 de outubro foi marcado por manifestações em todo o país em defesa de mais democracia nos meios de comunicação. Em Porto Alegre, em torno de 100 pessoas com cartazes e faixas se posicionaram em frente ao prédio do grupo RBS, na avenida Ipiranga com Érico Veríssimo. Integrantes da CUT, MST, Movimento de Luta Pela Moradia, Associação de Rádios Comunitárias, Sindicato dos Bancários, Conlutas, partidos políticos, entre outras entidades, seguravam cartazes que expressavam críticas à RBS, à revista *Veja* e à Rede Globo. Sobraram ataques também ao governo de Yeda Crusius, que, conforme a nota da CUT, quer transformar a Fundação Piratini (TVE-RS e Rádio FM Cultura) em Organização Social (OS) ou em Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OCIP), o que desmantelaria a instituição.

As entidades aproveitaram o período de término da concessão de grandes redes de TV, entre as quais, da própria Rede Globo, para deflagrar um debate sobre a necessidade de rever a postura da mídia. Segundo o panfleto distribuído pelos manifestantes, as concessões de rádio, emitidas pelo governo, têm duração de 10 anos, enquanto as das tevês duram 15 anos. Quando termina esse tempo, a concessão pode ser renovada ou não. No entanto, diz a nota, "o problema é que as regras de uso não são transparentes e as informações e os processos que autorizam ou renovam a concessão não chegam até o público brasileiro". Mais informações podem ser encontradas no endereço www.quemmandaevoce.org.br



Protestos, em P. Alegre, ocorreram em frente à Zero Hora (RBS)